

3

95

Acção

☰ O fenómeno

– Olhem bem para o fenómeno – repetia a setôra. – A água destilada não contém sais minerais e, conseqüentemente, o organismo vegetal murcha.

A gente bem olhava, mas o fenómeno custava a aparecer; com sais minerais ou sem eles, o “organismo vegetal”, aliás a bela rosa que o Pé-de-Galinha trouxera no dia anterior, continuava tão viçosa como se estivesse ainda plantada no canteiro.

Aí a Rosalina não aguentou e deu uma gargalhada tão forte que até o esqueleto, que seguia a experiência com grande interesse, balançou levemente no suporte. A setôra fulminou a Rosalina com o seu mais ameaçador olhar, depois voltou-se e fulminou o esqueleto e, por momentos, parecia prestes a gritar-lhe “levas um chumbo que até saltas!”, como fazia às vezes ao Zé Pedro. Mas toda a atenção estava concentrada nas leis da Biologia.

– Como vêm, está murcha! – insistia, animadoramente.

Dez minutos depois, quando já era bem claro que as leis da Biologia não se aplicavam às rosas do Pé-de-Galinha, e àquela em particular, lá se resolveu a dobrar o pé da rosa, acrescentando que, de vez em quando, uma pequena ajuda era necessária para o bom sucesso da experiência.

– Coitadinha! – gemeu a Luzinha, enquanto o esqueleto se debruçava sobre a setôra que, nesse momento, no meio de outra pequena ajuda, *descascava alegremente todas as pétalas da rosa. Três ou quatro pequenas ajudas depois, o “organismo vegetal” murchava triunfalmente às mãos da setôra que enumerava, com o seu ar mais glorioso, os males da falta de sais minerais.*

Mas o que parecia uma vitória única do Homem sobre a Natureza não satisfazia completamente a setôra.

– Vamos a outra, meninos – anunciou, pegando noutra vítima, desta vez um malmequer, que mergulhou num copo cheio de azeite.

– Esta é nova – dizia – mas, se Deus quiser, vai resultar tão bem como a outra. Agora, olhem bem para o fenómeno.

Mais dez minutos à espera que o fenómeno se decidisse, enquanto a setôra fuzilava o malmequer com indignados olhares, e o esqueleto balançava ferozmente.

Quando já temíamos outra pequena ajuda da setôra, ela ergueu-se, suspirou e disse:

– Esperem aqui que eu vou buscar água e já venho. Façam qualquer coisa de útil. Olhem para o fenómeno.

E saiu, batendo a porta. No mesmo momento o esqueleto desabou e estatelou-se no chão, com um estrépito de ossos esfrangalhados.

– Ao menos não foi para cima do fenómeno... – disse o Gonçalo.



Catarina
Fonseca

Nasceu em Lisboa, em 1969. É licenciada pela Faculdade de Letras de Lisboa e mestre em Literatura Inglesa. Ainda muito jovem publicou *A Malta do 2.ºC* que lhe valeu o Prémio Inasset Inéditos de Literatura Infantil 1988. Escreveu ainda *A Herança* (Prémio Revelação APE, de 1987), *Adeus Al Capone* e *Boi Vermelho*.



Mas nessa altura o único fenómeno que nos interessava era o cadáver do esqueleto, uma confusão de ossos de plástico emaranhados uns nos outros.

– Há já algum tempo que ele não andava com boa cara... – dizia o João Nuno.

– Estava mesmo muito em baixo... – dizia a Flávia.

– E agora é que está mesmo em baixo de todo – resmungava o Zé Pedro.

– Tá na fossa, meu – resmoneava o Pilha-Seca.

– Tá numa pior – insistia o Pilha-Seca.

– Olha, numa pior vamos estar nós se não o pusermos de pé antes de a setôra chegar – declarava o João Nuno que, de joelhos em cima da secretária, tentava içar o esqueleto pela boca. Depois de toda a gente ter puxado o seu osso para seu lado, depois de o João Nuno ter sido mordido várias vezes e de o esqueleto continuar miraculosamente inteiro, lá ficou tudo no seu lugar.

– Olha que ainda está branco... – compadecia-se a Flávia.

– Se calhar querias que estivesse verde – dizia o João Nuno.

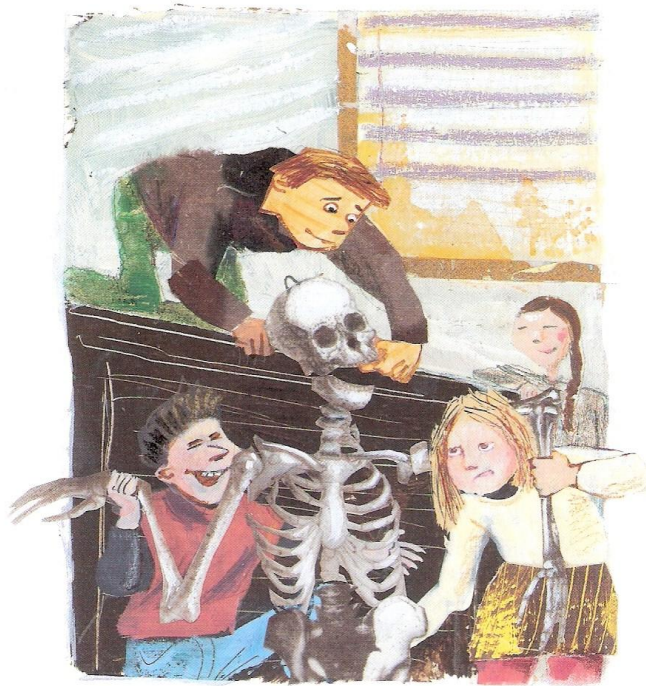
A Flávia encolheu os ombros e deu uma palmada na tíbia do esqueleto:

– Que susto, ó Magalhães!

E foi assim que o esqueleto ficou Magalhães. A Alzirinha queria nome mais requintado, como, por exemplo, Camões. Mas a Flávia só dizia “que susto, ó Magalhães!”, de maneira que não houve nada a fazer.

Quanto ao fenómeno, a coisa mais parecida com água benta que encontrámos, foi completamente despejado pela cabeça do Magalhães. No momento em que o João Nuno declamava solenemente “eu te baptizo, Magalhães”, a setôra entrou na sala e deu de caras com o Magalhães a pingar azeite por todos os ossos, e com o malmequer espetado num olho, o que até lhe dava um ar campestre e saudável.

A turma teria levado cinco dias de suspensão se não fosse a Outra ter intercedido. De qualquer forma, dizia ela, o esqueleto estava mesmo a precisar de ser oleado.





compreensão do texto

Apresentamos-te duas versões que registam a acção que se desenrola no texto «O fenómeno».

1. Qual das duas seleccionarias para despertar a curiosidade de quem não tivesse lido o texto? Justifica a tua opção.

Versão A

Durante uma aula de Biologia, enquanto a professora esteve ausente da sala por uns momentos, os alunos envolveram-se numa brincadeira que lhes ia custando uma pesada sanção disciplinar.

Versão B

Durante uma aula de Biologia a professora teve de se ausentar por instantes da sala, deixando os alunos a observar as alterações sofridas por um malmequer dentro de um copo de azeite. Ao sair bateu com a porta o que fez com que o esqueleto humano de plástico, que já não estava muito seguro, caísse. Embora divertidos com a ocorrência, os alunos trataram de repor o esqueleto direito para não serem castigados, mas, depois de lhe terem atribuído um nome, não resistiram a baptizá-lo com o azeite e enfeitá-lo com o malmequer da experiência, o que lhes ia custando uma forte sanção disciplinar.

2. Para completar a versão B reescreve a parte do texto em que integrarias cada um destes excertos.
 - a) «depois de uma experiência não muito bem sucedida»
 - b) «– Magalhães, por sugestão da Flávia –»
 - c) «por não terem água benta»



funcionamento da língua

1. «Tá na fossa, meu...» (linha 52)
«Tá numa pior...» (linha 54)

Indica como verdadeira ou falsa cada uma destas afirmações:

- a) A abreviatura do verbo é uma marca de ignorância.
 - b) A abreviatura do verbo está relacionada com o uso oral.
 - c) Estas falas têm como locutor a professora.
 - d) Estas falas têm um registo adequado aos interlocutores.
2. Reproduz o quadro aqui proposto. Preenche-o com estes exemplos retirados do texto, mas colocando-os no espaço adequado:

INDICATIVO			
Presente	Pretérito perfeito	Pret. imperfeito	Pret. mais-que-perfeito
temíamos (l. 36)	trouxera (l. 6)	foi (l. 42)	contém (l. 2)